



EXERCÍCIOS DE MEMÓRIAS: A PRÁTICA DO SKATE NA CIDADE DE RIO GRANDE/RS¹

Gustavo da Silva Freitas
Juliana Cotting Teixeira

RESUMO

Esse estudo compõe os investimentos de pesquisa do projeto “Exercícios de memória: as práticas esportivas na cidade de Rio Grande/RS”, situado na Universidade Federal do Rio Grande/FURG. As inquietações deste trabalho partem de um diagnóstico da produção acadêmica e cultural sobre skate, identificadas como um mimetismo narrativo no que tange a trajetória histórico-cultural dessa prática. Assim, viso construir parte das memórias do skate a partir de outras narrativas, fruto das experiências de skatistas dessa localidade. A história oral, postura metodológica, tem possibilitado construir indícios sobre modos de andar de skate em Rio Grande, em que grupos se constituem em meio a processos de ordenamento do espaço público e de esportivização dessa prática.

PALAVRAS-CHAVE: skate; memória; cidade.

MOVIMENTOS DE PESQUISA

Diferente de algumas escritas mais acadêmicas², em que pesquisador e objeto sugerem uma relação de hierarquia e distanciamento, inicio esta escrita anunciando que estarei inspirada pela noção de *sujeito da experiência* (LARROSA, 2002). A multiplicidade dos “skates” na minha vida – o da pesquisadora, o da estudante, o da skatista, o das leituras, o das escritas e interrogações da academia –, vêm me acontecendo como experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos *acontece*, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, investigar o skate é expor-me à contingência e experiência dessa prática na pesquisa. É experimentar-me na escrita e deixar-me acontecer, desconfiando daquilo que a minha proximidade com o tema me fazia tratar como algo dado, natural, pois “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 26). Esse modo de pesquisar, atravessado pelos anúncios de parte das produções

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.

² Nas palavras de Larrosa (2003) “[...] tenho a sensação de que no mundo acadêmico se está cada vez mais enfadado de ouvir sempre as mesmas coisas ditas no mesmo registro arrogante e monótono, havendo como que uma necessidade de sair desse tédio e uma certa expectativa em relação a qualquer registro de escrita que se apresente como diferente”(p. 106).

acadêmicas e culturais que tematizam o skate³, levaram-me a identificação de um mimetismo narrativo no que tange a sua trajetória histórico-cultural, marcada pelo movimento juvenil marginal dos anos 60 à sua transformação em esporte ou esporte radical em meados dos anos 90. Nas produções analisadas, o eixo Rio-São Paulo tem sido o *locus* predominante utilizado, sobretudo, no que se refere a sua origem e efervescência cultural.

Ademais, olhando para as fontes articuladas nas publicações sobre o tema, são os veículos midiáticos e narrativas de skatistas *de sucesso* (GRAEFF; STIGGER, 2009) ou de *visibilidade midiática* (FIGUEIRA; GOELLNER, 2009) que têm sido buscadas à produção desses conhecimentos, gerando efeitos para a identificação, nesse estudo, desse mimetismo narrativo. Isso me levou a considerar essa “trajetória mestra” como uma das múltiplas possíveis, já que essas instâncias amplamente utilizadas como fontes, consideradas artefatos culturais⁴, são instâncias de produção de identidades.

Partindo desse diagnóstico, mesmo que provisório, pensei: se fossem contempladas outras fontes na produção de conhecimento sobre o skate, quais narrativas teríamos? Se voltássemos nossos olhares a outros espaços e tempos, mais descentralizados, quais trajetórias produziríamos? Se fossem ouvidas outras vozes, distintas das de *sucesso* ou de *visibilidade midiática*, quais histórias contaríamos? Se lançarmos mão de memórias e experiências de outros skatistas, o que teríamos a narrar? Assim, esse estudo tem como objetivo construir parte das memórias do skate na cidade de Rio Grande/RS, buscando especificamente, num recorte para essa escrita, identificar usos dos espaços urbanos pelos skatistas, assim como as maneiras pelas quais eles constituíram-se como tais nessa cidade.

A PRODUÇÃO ACADÊMICA E CULTURAL SOBRE SKATE: O QUE, DITO, VEM SENDO

Olhar para a produção acadêmica e cultural sobre o skate forjou-se como uma primeira demanda para a pesquisa, sobretudo enfocando as abordagens referentes à sua trajetória histórico-cultural, a fim de entender como os saberes provenientes dessas instâncias processam a sua constituição. Nesse movimento, fiz capturas de produções acadêmicas

³ No subtítulo a seguir será apresentado um panorama dessas produções acadêmicas e culturais analisadas.

⁴ Também chamados de textos culturais, os artefatos culturais “[...] não somente fazem referência às expressões da cultura letrada, mas a todas as produções culturais que carregam e produzem significados. Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais”. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 38).

publicadas em periódicos da Educação Física⁵, assim como de parte da produção cultural referente ao skate, especialmente em filmes e sites⁶.

Dessas fontes, identifico que a produção acadêmica sobre skate tem se constituído mais especificamente a partir de meados dos anos 2000 e as suas abordagens tem se preocupado mais intensamente em análises culturais e na produção de uma história para essa prática em nível nacional. Pensando a partir desse cenário para o skate no âmbito da academia, percebi um mimetismo narrativo sendo operado, uma trajetória marcada pela passagem do “lazer a esportivização” (HONORATO, 2004), “da marginalização a esportivização” (BRANDÃO, 2008), “de vilão a mocinho” (LAURO, 2011) como elementos recorrentes nas dinâmicas dessa prática.

Algumas dessas produções (GRAEFF, 2006; 2009) também indicam períodos de “altas” e de “baixas” no universo do skate quando o anunciam historicamente. Os períodos de “alta” têm sido caracterizados com o aumento do número de adeptos, de apoios e patrocínios de marcas e lojas, além de crescimento de pistas e competições; e os de “baixa”, como a diminuição da presença dos elementos dos períodos de “alta”. Segundo esses trabalhos, tais “altas” garantem que a prática esteja em um período ou fase favorável. Essa instabilidade estrutural, como chama esse mesmo autor, nos leva a pensar nessa prática como mais *esportivizada*⁷ nos períodos de “alta” e menos *esportivizada* nos períodos de “baixa”, provocando diferentes modos de ser skatista em diferentes tempos históricos e culturais.

Mesmo com essas tendências de “altas” e “baixas” que atribuem heterogeneidades e descontinuidades às trajetórias de skatistas e do skate, é notável o pouco interesse em apanhar aquilo que foge da *voga esportiva* (SOARES; BRANDÃO, 2012) ou de *sucesso* no universo da produção acadêmica.

⁵ Busca realizada a partir dos termos “skate” e “skateboard” em periódicos não explicitamente disciplinares da área Educação Física: Revista Brasileira de Ciência do Esporte; Revista Movimento; Revista da UEM; Pensar a Prática; Motrivivência; Motriz; Ciência e Movimento; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; e Arquivos em Movimento. Trabalho completo em Teixeira, Freitas e Correia (2012).

⁶ Alguns desses são: o vídeo-documentário “Dogtown and Z-boys”, de Stacy Peralta (2001); “Vida sobre Rodas”, de Daniel Baccaro (2010); sites como o da Confederação Brasileira de Skate; Federação gaúcha de skate; revista online (atualmente não atualizada) “Ciência do Skate”; site do “Skate para meninas”; blogs intitulados “Skatecultura”; “Skatecuriosidade”; “Skatesaúde”; entre outros. Para mais detalhes, ver os trabalhos de Teixeira, Freitas e Mendes (2012b).

⁷ Tomando por esportivização: “O processo de transformação de práticas corporais originadas em contextos não competitivos e, particularmente, não institucionalizadas em modalidades esportivas, assumindo os códigos do esporte de rendimento (comparação objetiva de desempenho, regras oficiais – únicas, institucionalização, racionalização das práticas/treinamento na busca da maximização do desempenho) quando originalmente não foram concebidas com esse sentido” (GONZÁLEZ, 2008, p. 171).

Referindo-se às suas condições de produção, ou suas fontes, são os artefatos culturais e as narrativas de skatistas *de sucesso* ou de *visibilidade midiática* que têm sido privilegiados. Os skatista *de sucesso* são aqueles skatistas que conseguem “viver do skate”, isto é, alcançaram respaldo financeiro e o exercem como um modo de trabalho. São skatistas profissionais, que, segundo Graeff (2009) são patrocinados. Já skatistas de *visibilidade midiática* (FIGUEIRA; GOELLNER, 2009) são aqueles que se inseriram em instâncias de aparecimento ao público skatista, como sites, blog, programas de TV, revistas, e desse modo, torna-se referência no universo dos praticantes do carrinho.

Admitindo que, o dito por essas produções, vem sendo a história narrada do skate no país, vale ressaltar que o exercício de problematizá-la configura-se como uma desconstrução que, ao invés de substituir verdades, rende homenagens a essas mesmas por terem criado condições para que outros modos de pensar e anunciar o skate fossem possíveis:

Nas palavras de Derrida (2004), a dupla atitude de receptividade e negação não se separam: ‘Deixar’ é uma das coisas mais belas, arriscadas e necessárias...a experiência de uma desconstrução inicia por render homenagem àquilo ou àqueles a quem ela, a desconstrução, se prende (FISCHER, 2005, p. 124).

Os processos até aqui expostos são fundamentais a essa pesquisa, já que foi através da experiência de manusear as produções sobre skate, deixando estranhar e acontecer por elas, que pude desconstruir e colocar em xeque essa prática tão inscrita em minha subjetividade.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS: A MEMÓRIA E A ORALIDADE

Adotei a história oral de Portelli (2010) e Bom Meihy e Holanda (2007) como atitude metodológica, como um modo de operar nossas perguntas, já que “onde a História vê fragilidade, a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34). A ausência de registros impressos sobre o skate em Rio Grande/RS e essa tendência acadêmica e cultural em universalizar narrativas sobre essa prática, têm se constituído como uma das principais inspirações a essa adoção da oralidade como fonte e da história oral como atitude.

Compreendo as narrativas desse estudo na perspectiva da memória social, em que as subjetividades dos depoentes (PORTELLI, 2010) intervêm na rememoração dos eventos narrados.

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos [...] A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria

experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996, p. 2).

Nesse sentido, conduzir a entrevista e as narrativas decorrentes dela é adotar uma postura que não seja nem a do terapeuta, que tudo ouve e pouco estranha, e nem a do detetive, que tudo estranha e desconfia. É atuar nesse entre, que permite escutar e estranhar as narrativas sem abrir mão de uma dessas atitudes (PORTELLI, 2010). Assim, as memórias construídas e narradas são únicas e irreproduzíveis, pois fazem parte de um momento, de um espaço, de afetos, de uma subjetividade e de uma experiência específica e singular que se conta e rememora num contexto único.

Esse referencial teórico-metodológico tem orientado a construção de uma história oral temática, uma vez que, minha intenção repousou na construção de memórias em torno de um “assunto central definido” – a prática do skate na cidade de Rio Grande – “mesmo que outros decorram ou concorram para seu esclarecimento” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 39).

A entrevista foi o instrumento utilizado para construção das narrativas, sendo pautada por um roteiro básico de entrevista. As questões contidas nesse roteiro foram elaboradas com base naquilo que a pesquisadora que aqui escreve, sujeito da experiência, viveu junto ao skate na cidade de Rio Grande/RS, além de outros aspectos que me saltaram aos olhos diante da análise das produções acadêmicas e culturais.

O primeiro depoente, tomado como “ponto zero” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007), se chama Ismael, de 24 anos⁸, escolhido por mim pela amizade originada no “andar junto”. Morador do Parque Marinha, assim como eu, bairro da periferia de Rio Grande, teve seus primeiros contatos com o skate aos 12 anos, em meados dos anos 2000, a partir da observação da prática de alguns skatistas mais velhos que já manobravam seus skates nas ruas daquela localidade. Com um skate compartilhado com seu vizinho e colega de prática, suas primeiras experiências se deram nas calçadas e em obstáculos móveis construídos por esses skatistas do bairro, colocados no asfalto. O Ismael foi um dos skatistas da cidade que mais alcançou um nível técnico avançado na prática e, também, que mais esteve envolvido com a promessa e esperança de profissionalização e/ou patrocínio na cidade.

⁸ A entrevista aconteceu no dia 27/09/11, na sala de estar da minha casa, registrada com um gravador eletrônico, duração de 53 minutos, e está transcrita e arquivada no acervo do grupo de pesquisa “Exercícios de memórias: as práticas esportivas na cidade de Rio Grande/RS”, junto ao termo de consentimento livre e esclarecido que autorizou sua identificação.

O segundo depoente, Henrique, de 34 anos⁹, foi indicação do “ponto zero” e anda de skate desde 1996, quando tinha 18 anos. Assim como Ismael, foi através do encantamento oriundo da observação de alguns skatistas habilidosos que teve seu interesse despertado para a prática, numa viagem realizada com a família à praia de Ipanema, em Porto Alegre. Morador do centro de Rio Grande, passou a andar de skate junto a um movimento de skatistas desse local que se reunia para a prática em espaços públicos da cidade, especialmente na Praça Xavier Ferreira. É considerado pelas gerações mais atuais, como a minha, como um dos skatistas “das antigas” que ainda praticam, além de ser considerado o “cara dos vídeos”, em virtude de seu relevante acervo de materiais sobre skate acumulado ao longo dos anos.

“[...] na época [o ano de 98] eu comecei a gravar tudo e daqui a pouco eu fiquei conhecido por ser o cara dos vídeos, eu comecei a gravar, comecei a comprar as revistas, comecei a formular meu próprio acervo de skate mesmo, me tornei fã do esporte além de ser um praticante” (HENRIQUE, 05/10/12).

Nesta escrita exponho alguns exercícios de memória na forma de elementos de análise, em que trago narrativas que apareceram nas entrevistas junto a diálogos teóricos, que buscaram discutir conceitos e fomentar olhares sobre o skate na cidade de Rio Grande/RS.

SOBRE ANDAR DE SKATE EM GRUPOS: OS “DO MARINHA” E OS “DO CENTRO”

Exponho e discuto aqui alguns modos de exercer o skate na cidade, em meados dos anos 90 e início dos anos 2000, em que andar de skate em grupos era algo presente na trajetória de grande parte dos skatistas de Rio Grande. Esse grupismo ou “bairrismo” (HENRIQUE, 05/10/12) entre os próprios skatistas apareceram com intensidade nas entrevistas, o que me conduziu a considerar esse aparecimento como um elemento de análise.

Essas narrativas referem-se à formação de grupos de skatistas na cidade, identificados como os “do marinha” e os “do centro”, atores de um cenário de conflitos que se davam entre locais de prática e modos de ser skatista. Esses tempos de tensão narrados por ambos os depoentes localizam-se num momento de escassez de locais permissíveis à prática na cidade, de proibição do skate nas praças, especialmente na Praça Xavier Ferreira (pico de skatistas do centro do final dos anos 90) e também de movimentos que buscavam reivindicar espaços em que os skates não fossem confiscados pelo poder público.

⁹ Essa entrevista aconteceu no dia 05/10/12, numa sala de aula da universidade, registrada com um gravador eletrônico, com duração de 1h27min., e está transcrita e arquivada conforme a primeira, junto ao termo de consentimento livre e esclarecido que autorizou sua identificação.

Fruto desses processos de reivindicação, um galpão localizado no Centro Municipal de Eventos da cidade foi concedido aos skatistas do centro pra que pudessem ali andar de skate e consolidarem a sede da já existente associação de skatistas de Rio Grande (Ask-rg). O galpão criou condições para a construção e concretização do primeiro ambiente permanente de prática¹⁰, mesmo que de caráter privado, já que diárias ou mensalidades eram cobradas de skatistas que quisessem fazer uso do espaço.

Ao perguntar ao Ismael, skatista “do Marinha” que começou a praticar numa geração pós anos 2000, ou seja, já com a presença da primeira pista pública da cidade nesse bairro, sobre os seus locais de prática, tive indícios daquilo que venho chamando de grupos de skatistas:

“JT¹¹: E como que era assim, por exemplo, antes de ter a pista aqui o pessoal daqui ia na Ask andar né?”

I: Ia lá, raramente a gente ia.

JT: Raramente, então é de vez em quando ia?

I: De vez em quando ia.

JT: E como que era o pessoal do centro?

I: Ah eles...meio que nos discriminavam, eles olhavam todos pra gente, eles não gostavam da gente, as vezes a gente ia com dinheiro a menos, sem dinheiro, de bicicleta a gente ia, que a gente sempre foi mais humilde que eles, e eles não gostavam muito da gente.

JT: E eles vinham pra cá [pro Marinha] andar depois da construção da pista?

I: Muito pouco, muito pouco eles vieram pra cá, não vieram muito não...maioria das vezes que vieram foi nos campeonato, eles não gostavam muito de vir pra cá, eles achavam que era perigoso, não sei se era isso”

Essas primeiras narrativas, produto da primeira entrevista, me levou a pensar junto a Elias e Scotson (2000) as relações de poder entre *Estabelecidos* e *Outsiders*. “Os Estabelecidos [...] possuem um substantivo abstrato que os define como coletivo: são o *establishment*. Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social” (p. 07). Os espaços ou territórios de prática do skate reivindicados e habitados mais por uns que por outros criaram condições para que determinado grupo se estabelecesse num local e considerasse outros skatistas “visitantes” enquanto *outsiders*, os de fora. A estigmatização, produzida através do encontro com as diferenças, segundo esses autores, é parte da relação *Estabelecidos-Outsiders*.

¹⁰ Até então existiam pistas construídas em pátios residenciais e locais provisórios através de iniciativas individuais de skatistas. Essas pistas, identificadas como a pista “do Chande”, a pista “da Portugal”, a pista “do Kastelão” (onde atualmente encontra-se o estacionamento de uma grande rede de supermercado), entre outras, são alguns exemplos de pistas que já existiram na cidade, em sua maioria, miniramps com transições de madeira e metal.

¹¹ JT: iniciais da entrevistadora; I: Ismael; H: Henrique. Quando exponho diálogo entre entrevistador e depoente utilizo somente as siglas pra identificá-los. Quando exponho apenas a fala do depoente, faço referência ao seu nome e data da entrevista ao final da fala.

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35).

Segundo esses autores, é a coesão e o “monopólio das fontes de poder” (p. 24) que permitem que determinado grupo reconheça-se como superior ou estabelecido. A partir das narrativas produzidas, os espaços e pistas de skate da cidade e os processos organização que um grupo de skatistas estabelece forjando-se como equipe ou associação, o fortalece e o consolida enquanto grupo estabelecido. Nesse sentido, aqueles envolvidos com a reivindicação, organização e consecução da pista e sede da Ask-rg constituíram-se como os estabelecidos nesse lugar, indicado pelo Henrique como “o pessoal”. Abaixo segue uma fala sobre a constituição do grupo de skatistas “do centro”:

“Pelo, pelo que eu vi nos anos 90 era mais assim todo mundo andando independente de qualquer grupo assim, bairros ou qualquer coisa assim, era todo mundo andando junto, não havia uma organização e tal, só começou a ficar organizado mesmo a partir de 98, fim dos anos 90, quando o pessoal foi reivindicar pista lá pro Eduardo Lawson, por que até então não havia nenhuma organização, não havia nada, todo mundo andando independente de qualquer bairro, não havia nenhuma segregação, não havia nada” (HENRIQUE, 05/10/12).

Desse grupo que tomou a frente dos processos reivindicatórios no ano de 98, alguns nomes puderam ser indicados para a continuidade desse estudo, já que o Henrique expressou não haver composto participação ativa junto a esse grupo ou *pessoal*. Num movimento parecido, em meados dos anos 2000, skatistas que aderiam a prática no Parque Marinha empreendiam algumas ações procurando conquistar seu próprio espaço, uma pista pública de skate no bairro, que vai ser concedida no ano de 2002. Isso vai movimentar as relações de poder entre os grupos de skatistas da cidade, já que até então a pista da Ask-rg era o único espaço específico e permissível pra se andar de skate, em que ali skatistas “do Marinha” sentiam os efeitos de uma relação estabelecidos-outsiders, local onde os skatistas “do centro” mantinham-se como estabelecidos. A emergência de uma nova e primeira pista de skate pública da cidade vai reconfigurar essa relação, pois a partir desse momento, andar de skate na pista pública “do Marinha”, sendo skatista “do centro”, colocava esse último na condição de *outsider*, e aqueles skatistas do bairro como estabelecidos, produzindo disputas que se davam entre os territórios de prática e modos de andar de skate desses grupos.

Nesse momento, final dos anos 90 e meados dos anos 2000, os espaços de prática da cidade localizavam-se na pista da Ask-rg e na pista pública do Parque Marinha. Essa última,

num movimento parecido, foi concedida pela prefeitura aos skatistas desse bairro que se organizavam enquanto Equipe de skatistas do Parque Marinha (ESPM) pra sua concretização. Abaixo segue uma fala sobre parte do processo de implementação dessa última pista.

“Sim a gente andava na rua, a idéia que surgiu foi na vez que a gente tava andando ali na pracinha e chegou os policiais atirando tudo pra cima, aí uma senhora perguntou: ‘ah, por que vocês fazem isso com os guris, por que não arranjam um espaço aí nessa praça aí pra eles andarem de skate’, aí surgiu a idéia, aí o Roger criou a Equipe de skate do Parque Marinha, eles tinham carteirinha, tudo, a gente fazia reunião lá no Roger. Aí a gente começou a ir em rádio pedir, câmara de vereadores, prefeitura, tudo isso, a gente ia, até a gente conseguir, ficamos uns dois anos na batalha eu acho ate conseguir” (ISMAEL, 27/09/11).

Esses processos que, de um lado, reivindicaram a consolidação da pista da Ask-rg no Centro Municipal de eventos e, de outro, da pista do Parque Marinha, forjaram o grupo de skatistas “do centro” e o grupo de skatistas “do Marinha” através desses movimentos de “organização” ou esportivização da prática em associações e equipes para legitimarem suas vozes e lutas.

ARQUITETURAS DO SKATE: USOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE

Para além das pistas de skate, arquiteturas esportivas previsíveis a prática (SOARES, BRANDÃO, 2012), as ruas e os espaços públicos urbanos da cidade também são lugares de *acontecimento*. Procurando identificar alguns usos dos espaços urbanos do município pelos skatistas entrevistados, deparei-me com um passado em que as praças e as calçadas de escolas eram terrenos diários do skate, e que as poucas pistas que se construíam, vinham sanar uma modalidade específica em ascensão na década de 80 e 90, que era o vertical e as transições¹².

“[...] nos anos 80 predominava mesmo era half ou miniramp, o pessoal não fazia street ou skate de rua como faz hoje, todo mundo era half, todo mundo, o próprio esporte, era muito mais popular nos anos 80 era o half, o street só ganhou força mesmo nos anos 90 pra cá, então isso era uma influência da época né, tanto que hoje quando se faz pista de skate, se inaugura qualquer pista de skate em qualquer cidade sempre é pista de street mesmo, é uma mudança no panorama do skate” (HENRIQUE, 05/10/12).

A partir dessas narrativas, identifico que as chamadas transições, orientadas por uma “influência da época”, davam lugar ao *street*¹³ e ao skate na rua. Algumas produções apontam

¹² Refiro-me às modalidades do skate que acontecem numa pista em formato de “U” em que o skatista realiza suas manobras sempre na direção vertical, num vai e vem constante entre as bordas da pista.

¹³ O skate street não necessariamente é o skate praticado nas ruas. São construídas pistas de skate imitando obstáculos encontrados nelas. O skate que acontece nessas pistas também é considerado skate street, mesmo havendo diferenças significativas no modo de andar de skate nas ruas e numa pista dessas. Nas ruas, o skate geralmente tem fim em si mesmo, ou é exercido com o objetivo

para os skatistas *streeteiros* como arquitetos urbanos (UVINHA, 2011) ou como aqueles que “fazem a cidade” (MACHADO, 2012), já que a imprevisibilidade e a infinidade de possibilidades de manobrar e usufruir dos *picos* urbanos constitui-se como uma das principais inspirações ao skatista *street*:

“É, a gente andava às vezes na frente dos colégios, Juvenal Miller, muito já andei na frente do Juvenal Miller, que o pessoal andava ali na frente né, ou ruas asfaltadas tipo Barão de Cotegipe. Aquela coisa assim de botar os obstáculos...um cano ou um negócio pra pular no asfalto da Barão de Cotegipe, mas mais o pessoal andava era na praça Xavier, e lá no Cassino a canchinha, atrás do Hotel Atlântico, uma baita cancha ali, era mais isso mesmo. A praça Xavier sempre foi o melhor lugar, sempre mesmo, pelos obstáculos e pelo piso também, definitivamente a praça Xavier” (HENRIQUE, 05/10/12).

Em Rio Grande, a partir das falas dos depoentes, o skate no espaço público teve vida curta, já que esses também eram espaços de encontros e circulação de pessoas com intencionalidades diversas, principalmente, quando se dava em praças da cidade. O skate na Praça Xavier Ferreira, entre outros lugares, foi proibido antes mesmo da criação da pista e sede da Ask-rg.

“[...] naquela época não tinha problema de andar na praça Xavier, passava tardes e tardes, sábado e domingo andando na praça Xavier lá, hoje qualquer um que for andar lá pode ter o skate apreendido pelos policiais ali da prefeitura. A praça Xavier foi uma escola pra mim, muito andei lá, aprendi manobra, tenho grandes lembranças mesmo, só não ando lá hoje por que é proibido né, senão andaria” (HENRIQUE, 05/10/12).

Nesse processo de interdição, rótulos e estigmas eram direcionados aos skatistas, principalmente, aqueles que tentavam burlar esse novo impedimento na cidade. Ao perguntar sobre o que levou o Henrique e os skatistas do centro a buscarem uma pista pra si, tive a seguinte resposta:

“[...] tu ir andar de skate e ser tratado como marginal assim, dá impressão que tu é um marginal, de repente os policiais ali dizem: ‘dá teu skate’. Já me tiraram o skate uma vez, tive que assinar um documento, tive que dar carteira de identidade e tal, aí disseram assim ‘se tu andar aqui de novo nós vamos pegar o teu skate e não te entregamos mais’, a gente vira um marginal nessas horas né, então é por isso que a gente fez esse tipo de coisa aí, pra conseguir um espaço pra andar livremente sem problemas, por que o skate é um esporte marginal de certa maneira, é uma pena, e...e, essa, essa pista no centro de eventos teve que ser assim, a gente teve que falar com políticos e tal, mobilizar mesmo, até conseguir, foi assim que a gente conseguiu aquela pista” (HENRIQUE, 05/10/12).

de filmar manobras para a produção de vídeos. Já nas pistas de *street*, percebemos muitos skatistas treinando, isto é, repetindo uma linha de manobras para realizá-la nas competições. Assim, os espaços de prática do skatista condicionam sua constituição e os educam para um ou outro modo de ser skatista.

Essas investidas no ordenamento da cidade por parte do poder público não somente estabelecem os lugares permissíveis e não permissíveis das práticas dos sujeitos que nela residem e convivem, esquadrinhando-os em determinadas possibilidades de movimento, mas também, e especialmente, no caso dos skatistas, impõem a existência de um lugar especializado à prática, subordinando essa a necessários investimentos em sua esportivização para manutenção de sua existência, ao menos, permissível. Atitudes como essa nos colocam a pensar na cidade e nos sujeitos que as usufruem inseridos em políticas direcionadas ao consenso, à ordem e à homogeneidade, visto que a proibição também é decorrente de processos de convencimento da necessidade de espaços específicos às práticas corporais e esportivas na cidade.

Previne-se da experiência do convívio com o outro quando se erguem fronteiras entre os espaços permitidos e os espaços proibidos. Esses jogos de poder determinam certas arquiteturas como as únicas possíveis a determinadas práticas, como, nesse caso, as pistas de skate.

Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos (BAUMAN, 2009, p. 70).

A persistência em fazer usos inesperados da cidade não somente constitui parte de um processo de resistência a esses movimentos de “limpeza” do espaço urbano, mas também engendra outros modos de ser skatista, tecidos a partir das dinâmicas e contingências do lugar público e da multiplicidade de sujeitos que nele circulam. Investir nisso é promover abertura à experiência do público e do político de um modo diferente, é estar aberto a uma nova *política da amizade* a partir de novas *práticas de liberdade*, que não convivam somente com semelhanças, mas especialmente, com as dissonâncias: “A formação da identidade é um processo público, um acontecimento no mundo. Nas lutas contra formas de subjetivação, à procura de novas formas de subjetividade e sociabilidade, como a amizade, o sujeito se constitui no mundo compartilhado com outros indivíduos” (ORTEGA, 2000, p.28).

PROCURANDO CONTINUAR

As memórias trazidas a partir de dois depoentes indicam que os processos de constituição dos skatistas são atravessados por tramas que se dão entre a organização da

prática - buscando sua legitimação e a conquista de lugares permissíveis - e a adesão a um espírito do tempo dominante, em que ser esportivo atribuem a uma prática e a seus praticantes, estatuto como socialmente valiosa. Frente a isso, grupos de skatistas forjaram-se, estabelecendo-se em locais de prática conquistados, que paralelamente, criaram condições para que uma figuração *estabelecidos-outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000) se desse entre os skatistas de Rio Grande.

Essas considerações me permitem indicar a multiplicidade de modos de constituir-se skatista uma vez que as dinâmicas, interdições e políticas em funcionamento em cada localidade intervêm produtivamente nas condições para que essa prática se desdobre numa ou noutra trajetória, podendo ser configurar como uma prática socialmente reconhecida, como o esporte, ou promovendo resistências contra a corrente esportiva, mantendo-se sob as marcas de uma prática marginal.

MEMORIES' EXERCISES: THE PRACTICE OF SKATE IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS

ABSTRACT

This study is part of a research project "Memories' Exercises: sports practices in the city of Rio Grande / RS", located at the Federal University of Rio Grande / FURG. The concerns of this study are based on a diagnosis about the academic and cultural produce on skateboarding, identified as repetitive narratives regarding the cultural-historical trajectory of this practice. Thus, I would like to build memories about the skateboard from other narratives, the result of the experiences of skaters from the city of Rio Grande. Oral history, methodological approach, open new clues about ways to skate in Rio Grande, where groups are in the midst of planning processes of public space and sportivization this practice.

KEYWORDS:skate; memory; city.

EJERCICIOS DE MEMORIAS: LA PRACTICA DEL SKATE EN LA CIUDAD DE RIO GRANDE /RS

RESUMEN

Ese estudio compone los investimentos de pesquisa del proyecto "Ejercicios de memoria: las prácticas deportivas en la ciudad de Rio Grande/RS", ubicada en la Universidad Federal del Rio Grande / FURG. La inquietudes de este trabajo parten de un diagnostico de la producción académica y cultural sobre skate, identificadas como un mimetismo narrativo en lo que bordea la trayectoria histórico-cultural de esa práctica. Así, busco construir parte de las memorias del skate a partir de otras narrativas, fruto de las experiencias de skatistas de esa localidad. La historia oral, postura metodológica, hay posibilitado construir indicios sobre modos de andar de skate en Rio Grande, donde grupos se constituyen en medio a

procesos de ordenamiento del espacio público y de desportivización de esa práctica.

PALABRAS CLAVE: skat; memoria; ciudad.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN. Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. *Revista de História de Esporte*, volume 1, número 2, dezembro de 2008.
- COSTA, M; SILVEIRA, R; SOMMER, L. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.
- ELIAS, N; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2000.
- FIGUEIRA, M; GOELLNER, S. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, maio 2009.
- FISCHER, R. Escrita Acadêmica: arte de assinar que se lê. In: COSTA, M; BUJES, M. *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 123-127.
- HONORATO, T. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH /SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.
- GONZÁLEZ, F. Esportivização. In: GOZÁLEZ, F; FENSTERSEIFER, P. *Dicionário Crítico de Educação Física*. 2ª edição, Ijuí: Unijuí, 2008, p. 170-174.
- GRAEFF, B; STIGGER, M. O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 163-186, julho/setembro de 2009.
- _____. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da "vizinhança" ao "corre"*. 2006. 166 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abril, n. 19, 2002, p. 20-28.
- _____. O ensaio e a escrita acadêmica. *Revista Educação & Realidade*. 28 (2), jul-dez, 2003, p. 101-115.
- LAURO, F. Skate: de vilão a mocinho. In: Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. *Anais do V Congresso Brasileiro Atividades de Aventura*. São Paulo: Lexia, 2011.
- MACHADO, G. “Todos juntos e misturados”: sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 63-85.
- MEIHY, J; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto: 2007.
- ORTEGA, F. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PORTELLI, A. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Vóz, 2010.
- _____. Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*. Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.
- SOARES, C. BRANDÃO, L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

TEIXEIRA, J; FREITAS, G; CORREIA, J. O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da educação física. *Revista Didática Sistêmica*, v. especial, n. 1, 2012, p. 124.

_____. Amizades e Poderes no Skate cinematográfico: leituras do filme Vida sobre Rodas. In: *Anais do XXXI Simpósio Nacional de Educação Física: Educação Física e ginástica: a interação necessária*, Pelotas, 2012.

UVINHA, R. As atividades de aventura no contexto urbano: cenários e potencialidades. Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. *Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura*. São Paulo: Lexia, 2011.

SITE

www.cbsk.com.br. Acesso em: 09 de mar de 2013.

ENTREVISTAS

Ismael Silva, 27 de setembro de 2011.

Henrique Ziemer, 05 de outubro de 2012.